

**Disciplina:** Campo lacaniano: campo do gozo  
**Professor:** Raul Albino Pacheco Filho  
**Nível:** Mestrado/Doutorado  
**Créditos:** 03  
**Tipo:** Seminário Avançado - Tipo II  
**Semestre:** 1º de 2016  
**Horário:** 6ª feiras – 13/16

## EMENTA

Na sessão V do Seminário 17, Lacan lembra que Freud irrompeu na cena da história do saber sobre o sujeito acenando com um discurso estranho (estrangeiro) a toda afirmação sobre a coerência e consistência do que seja um discurso: o sujeito do discurso não se sabe (a si próprio) como sujeito que sustenta o discurso. Porém, o mais radical não consiste nem mesmo em que ele não saiba o que diz, “mas, o que diz Freud é que ele não sabe *quemo diz*. (o saber fala *por conta própria* – eis o inconsciente.” (p. 66).

Mesmo tributando a Freud uma proximidade, “tanto quanto possível”, no que se refere ao gozo, Lacan entende que a tentativa de reduzi-lo a uma dimensão econômica de sua metapsicologia, a partir de uma referência inspirada na termodinâmica, apresentou-se como um certo mascaramento do que constitui o gozo. Daí que, no final dos anos sessenta, sobretudo nos seminários “De um Outro ao outro” e “O avesso da Psicanálise”, Lacan elabore uma profunda reflexão buscando bases mais adequadas para formalizar o gozo, de modo conceitualmente rigoroso, coerente com a clínica psicanalítica e utilizável na direção do tratamento. Diversamente de Freud, é em Marx, especialmente no conceito de *mais-valia*, que Lacan busca inspiração, como o explicita logo na primeira sessão do Seminário 16: É de um *nível homológico* calcado em Marx que partirei para introduzir hoje o lugar em que temos de situar a função essencial do *objeto a*.”(p. 16).

Trata-se de estabelecer a relação do saber com algo certamente mais misterioso e também mais fundamental: o gozo; aquilo que “constitui a substância de tudo de que falamos em Psicanálise.” (p. 44).

“O *mais-de-gozar* apareceu em meus últimos discursos numa função de homologia em relação à *mais-valia* marxista. Dizer homologia é dizer, justamente, que a relação entre eles não é de analogia. Trata-se, com efeito, da mesma coisa. Trata-se do mesmo tecido, na medida em que se trata do recorte de tesoura do discurso.” (*Id.*)

Em seu trabalho que vai do início da década de 50 até meados dos anos 60, Lacan conecta o inconsciente freudiano e o Édipo à linguagem, apresentando a estrutura simbólica como articulação dos significantes do Outro. Por isso mesmo, vários psicanalistas lacanianos e pesquisadores denominam esse período da obra de Lacan de “campo da linguagem”.

Já a década de 60, principalmente a partir da sua metade, teria sido dedicada à formalização do *objeto a* e, como lembra Quinet (2006/2009), “a estrutura ganha uma outra definição: ela é definida a partir da atividade do objeto e da subversão do sujeito.” (p. 26). A partir dessa formulação inédita, Lacan pode

dar um novo tratamento para a questão da construção e atravessamento da fantasia no final de análise e avançar no tema do *ato analítico*.

Se todo esse trabalho possibilitou um enquadre teórico apropriado para sustentar a concepção do sujeito como representado por um significante para outro significante, restava ainda a tarefa de colocar em evidência a estrutura topológica do Outro e formalizar a função de *mais-de-gozar* do objeto *a*, já que, como diz Lacan no Seminário 16, “se o objeto *a* pode funcionar como equivalente do gozo, é em razão de uma estrutura topológica.” (p. 240). Compreende-se o porquê da elaboração de Lacan desenvolvida nessa nova etapa de sua obra ser costumeiramente denominada “campo do gozo”, de modo coerente com a explicitação do próprio Lacan, que, no Seminário 17, afirmou sua preferência por estes termos como designação para o que seria um “campo lacaniano”: “No que diz respeito ao campo do gozo — é pena, jamais será chamado de campo lacaniano, pois certamente não vou ter tempo sequer para esboçar suas bases, mas almejei isto (...)”. (p. 77).

O objetivo desta disciplina é interrogar as formalizações sobre o gozo apresentadas no Seminário 16 “De um Outro ao outro”, buscando apreender qual é o seu campo, o seu real e a sua lógica.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

LACAN, Jacques (1966) *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques (1968-1969) *O Seminário, Livro 16: De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008.

LACAN, Jacques (1969-1970) *O Seminário, Livro 17: O avesso da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1992.

LACAN, Jacques (1972) *Outros escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

PACHECO FILHO, Raul Albino (2013) O real: a resposta da ciência e a resposta do psicanalista. *Stylus: Revista de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 26, jun. 2013, p. 35-43, 2013.

QUINET, Antonio (2009) *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranóia e melancolia*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2009.